



# *A Psicologia da Função Docente e o Processo de Formação na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti*

*Júlio Emilio Pereira de Sousa \**

## **I. A Criatividade e a Qualidade na Formação**

A psicologia da função constitui uma das prioridades no processo de formação da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, sendo a formação com qualidade e criativa elementos fundamentais a considerar.

Com Pascal, assumimos que a criatividade constitui-se com 90% de transpiração e 10% de inspiração. A qualidade de ensino será, assim, matizada pela conjugação do rigor do trabalho sistemático com a produção de conexões novas entre as afirmações conhecidas e disponíveis para a utilização.

O trabalho aturado e sistemático nas «auto-estradas da informação» constitui, actualmente, o alicerce ou a fundamentação para a efectiva produção de ideias originais. É, portanto, necessário aceitar o desafio, aprender a utilizar de forma esclarecida as novas tecnologias de informação e de intercâmbio.

O pensamento divergente e a produção criativa resultarão da «incubação» ou da «fermentação» decorrente daquele trabalho de colecta e de organização de dados. Torna-se, assim, necessário aprender a utilizar este potencial criativo.

A qualidade na formação exige que nos mobilizemos naquelas duas direcções complementares.

A utilização do humor constitui obviamente uma forma de estar nas relações educativas que, sem descomprometer, provoca a diminuição da autocensura e da heterocensura. Este aumento da tolerância a «ideias absurdas» possibilita, deste modo, a concretização de acções e a mudança de atitudes que constituam alternativas válidas para situações «impossíveis» de resolver.

Com Spitz defendemos que o sorriso é o ponto de partida da comunicação, funcionando como o primeiro organizador da personalidade. O humor predispõe, portanto, para a relação, para o pôr em comum.

Por outro lado, a comunicação eficaz exige que se (re)aprenda a falar dos problemas de maneira acessível por mais profundos, complexos e técnicos que sejam.

\* Professor Adjunto da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Acreditamos que é pela realização de trabalhos em pequenos grupos com características especiais<sup>1</sup> que a criatividade e a qualidade acontecem, transformando os potenciais criativos em capacidades criativas.

## II. A Educação pela criatividade - pressupostos psicológicos

A utilização do potencial criativo constitui o primordial objectivo do processo formativo. Maslow defende que promover a autorealização viabiliza a emergência da criatividade. Sugere que, através da identificação e satisfação dum determinado limiar das necessidades hierarquizadas numa pirâmide, o homem pode ter experiências máximas de realização pessoal<sup>2</sup>.

Além deste aprender a escutar as verdadeiras necessidades, colocam-se novos desafios à inteligência no aperfeiçoamento da capacidade de «ler por dentro» das informações disponíveis e a sua aplicabilidade no futuro (a curto, médio e longo prazos).

A educação pela criatividade pressupõe, ainda, o recurso a estratégias de formação adequadas, a metodologias específicas e a aprendizagem de técnicas de criatividade. Neste sentido, parece-nos importante referir que na nossa experiência temos privilegiado a formação personalizada e as experiências de campo. Temos encontrado também bons resultados com a utilização da autoescopia, tanto na formação inicial como na formação pós-graduada. Assim, este aprender/ensinar a usar o potencial da criatividade têm ampliado a autopercepção e a heteropercepção, mobilizando com mais segurança e liberdade as experiências vividas<sup>3</sup>.

Utilizamos, de preferência, o modelo centrado no percurso docente. Neste sentido, valorizamos o papel primordial do sujeito como agente de formação e assumimos que a verdadeira formação se focaliza mais acentuadamente nas experiências vividas do que nos conhecimentos adquiridos. Essas experiências encontram o seu sentido no projecto de vida, em que os aspectos pessoais e profissionais se interpenetram, garantindo a coerência e a congruência da personalidade<sup>4</sup>.

## III. A personalidade criativa

São as situações imprevistas e imprevisíveis que constituem as referências mais relevantes no desenvolvimento da personalidade. Por outro lado, a adaptabilidade ou adaptação à mudança é uma característica da personalidade necessária ao exercício criativo da função docente.

<sup>1</sup> Grupo em festa — entendido como a vivência entusiasta e colectiva dum ideia que, sendo por vezes fantasista, é concentração de vida (João dos SANTOS, 1988).

<sup>2</sup> Com este autor, também admitimos que o homem deve concretizar aquilo que pode vir a ser. O nível de aspiração será.

<sup>3</sup> Com Rogers, defendemos que a educação pode contribuir para dar segurança psicológica e liberdade essenciais ao processo criativo.

<sup>4</sup> Modelos personalistas de Zeighner e modelos desenvolvimentistas de Sprintall e Fuller.

Há também duas acepções da palavra personalidade que nos merecem uma atenção especial neste contexto: *Persona* ou máscara que, no sentido mais interessante, significa a capacidade de mostrar ou esconder sentimentos, de forma adequada ou oportuna, em determinadas situações <sup>5</sup>; *Per Sonare* que realça a marca ou impacto que o sujeito deixa no outro depois dum encontro <sup>6</sup>.

Acontece que a maioria das pessoas está despreparada quando o novo surge e reage à experiência psicológica original como se se tratasse de algo estranho, ilógico, esquisito ou engraçado, dando-lhe pouca importância.

Torna-se, portanto, essencial que ao docente seja dada a oportunidade para, no seu processo de formação, aprender a encontrar o lugar para experimentar o novo.

Descobrir e criar uma nova orientação no mundo a partir do «absurdo» é, portanto, fundamental para o verdadeiro desenvolvimento criativo da personalidade. Aos docentes pedir-se-á que sejam capazes de serem protagonistas de acções educativas inovadoras. O novo é uma dádiva que o habilitará a expandir a consciência e, deste modo, ganhar a possibilidade de (re)criar novos padrões de identidade e de comportamento. Mas será imprescindível o esforço activo para o efectivar. A relação criativa do aluno-professor consigo mesmo generalizar-se-á e abrangerá a sua relação com os outros. Irá, assim, perdendo a necessidade de se superidentificar com os outros e de inculcar neles a sua visão do mundo. Em vez disso, aprenderá a usar a sua consciência para se relacionar com os outros e para ver as coisas do ponto de vista deles.

A afinidade torna-se fácil, os mal-entendidos serão resolvidos com mais facilidade e prevalecerá uma sensação de bem estar psicológico <sup>7</sup>.

#### IV. O sentido da vida e a função docente

Sem esquecer a importância que o passado tem no desenvolvimento pessoal, é para o futuro que dimensionamos as nossas apostas formativas.

A função docente encontrará o sentido ao pensar, implementar e avaliar projectos.

Tudo se passa como se a nossa forma de pensar a educação nos colocasse sempre a mesma questão essencial: Que será destes alunos quando tiverem de intervir sem nenhuma tutela intelectual?

O nosso lema será encontrar «aqui e agora» alternativas de formação que demonstrem que o futuro «está aqui», na adequada confluência de recordações de experiências realizadas (o nosso «imaginário de Escola») com a construção do (re)aprender a sonhar o amanhã da missão de educar.

<sup>5</sup> Próximo da noção de «actor» que aprende papéis sociais. Assinala-se a importância de desenvolver a «*persona social*» do docente.

<sup>6</sup> Daí a importância do docente como modelo de identificação.

<sup>7</sup> Jung defende ser absolutamente necessário expressar continuamente o novo num trabalho criativo para poder manter o equilíbrio psicológico.

Encontrar este sentido, nas dificuldades que o presente nos coloca, pressupõe apostar no poder de Pigmaleão de cada docente e passar esse testemunho aos alunos-professores. Por outro lado, a função docente exige um aperfeiçoamento contínuo das competências sociais. Ao docente será cada vez mais pedido que seja capaz de *ser na relação* com os outros e de direccionar o autoconhecimento, aprendendo ou reaprendendo a estar a sós consigo mesmo.

O atendimento, a observação e a escuta são atributos fundamentais a privilegiar nas atitudes de interacção <sup>8</sup>.

A relação educativa <sup>9</sup> e a formação de professores por competências constituirão os pilares do desenvolvimento da função docente.

As competências abrangem, a nosso ver, um conjunto limitado de conhecimentos, saber-fazer e de atitudes a desenvolver pelo docente em situação de ensino, quer seja em formação inicial quer seja em pós-graduação <sup>10</sup>.

A Escola Criativa tenderá a integrar alguns atributos e desafios formativos com sentido para a vida. Podemos destacar principalmente os seguintes: a liberdade de expressão e de movimento, o desaparecimento do medo, do desacordo e da contradição, os desejos de romper com a rotina, o espírito lúdico e, simultaneamente, o amor ao trabalho e os objectivos fixados com uma larga amplitude.

A Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, como comunidade educativa, tudo fará para se rever criteriosamente nestes atributos e desafios formativos colocados a uma Escola Criativa. A componente psicológica dessa formação competirá contribuir para, através da investigação, identificar comportamentos criativos e promover a predisposição para a mudança e para a experimentação sobre criatividade no ensino superior.

### Bibliografia

BELTRÁN, J. et al (1987) - *Psicología de la Educación*, Madrid, Ediciones de la Universidad Complutense, S.A.

BLAY, António (1992) - *La Personalidad Creadora. Técnicas Psicológicas y Liberación Interior*, Barcelona.

SANTOS, João dos (1988) - *A Casa da Praia. O Psicanalista na Escola*, Lisboa, Livros Horizonte.

SANTOS, M. Emília (1985) - *Os Aprendizizes de Pigmaleão*, Lisboa, Rolim.

<sup>8</sup> Corkuff, Gazda, Rogers e Muchielli oferecem-nos complementarmente propostas concretas para efectivar estas aprendizagens essenciais.

<sup>9</sup> Postic, Marcel - *La Relation Éducative*, Paris, P.U.F., 1982.

<sup>10</sup> Definição holística de competência (Short, 1985).

SMORT, E. (1985) - «The Concept of Competence: Its Use and Misuse in Education», in *Journal of Teacher Education*, Marçol/Abril.

WEHR, Gerhard (1991) - *Carl Gustav Jung, Su Vida, Su Obra, Su Influencia*, Barcelona, Paidós.

ZEICHNER, K. (1983) - «Alternative of Teacher Education» in *Journal of Teacher Education*, n° 3, XXXIV.